

O PISCO-DE-PEITO-RUIVO

Erithacus rubecula (LINNAEUS, 1758)

Alamanno Capecchi – Itália

Premissa

Antes de descrever o *Erithacus rubecula*, para melhor enquadrá-lo na sistemática aceita atualmente pela maioria dos taxidermistas, relato alguns dados sobre o Gênero *Erithacus*.

No Gênero *Erithacus* (Família Turdidae) estão descritas três espécies: a *Erithacus rubecula* (pisco-de-peito-ruivo-europeu), com oito subespécies; a *Erithacus akahige* (pisco-de-peito-ruivo-japonês) e a *Erithacus komadori* (pisco-de-peito-ruivo-de-Riukiu), ambas com três subespécies.

A seguir a classificação detalhada:

***Erithacus rubecula* (European Robin)**

ERITHACUS

E. r. melophilus

Ilhas britânicas

E. r. rubecula

W Europa, NW Marrocos > NE África

E. r. superbus

Ilhas Tenerife, Grande Canária

E. r. witherbyi

E Algéria, Tunísia

E. r. sardus

Córsega, Sardenha

E. r. balcanicus

Balkans, Turquia

E. r. hyrcanus

E Turquia, S Rússia > Irã, Iraque

E. r. tataricus

W Sibéria > Irã

***Erithacus akahige* (Japanese Robin)**

E. a. akahige

Sakhalin I, N Japão > S China

E. a. rishirensis

Ilhas Rishiri

E. a. tanensis

S Japão e ilhas

***Erithacus komadori* (Riukiu Robin)**

E. k. komadori

Ilhas Tanegashima, N Riukiu

E. k. namiyei

Okinawa I

E. k. subrufus

S Ilha Riukiu

O pisco-de-peito-ruivo *Erithacus rubecula*

Erithacus rubecula é um dos passeriformes mais facilmente reconhecíveis quando toma a plumagem de adulto. Tem gola e peito vermelho-alaranjado, partes superiores marrom-oliva, separadas pela cor alaranjada por uma faixa mais ou menos extensa cinza-azulada. O abdome é esbranquiçado. O bico e os pés são marrons. Os olhos são arredondados, grandes, escuros, dotados de forte expressividade. Sexos e hábitos estacionais: semelhantes. A chamada é um forte “tic-tic-tic-tic”, frequentemente repetido. O canto é uma série variada e definida de frases curtas e gorjeadas. A fêmea também canta. Comprimento maior de 13 a 14 cm. Peso 13 a 20 g. Os jovens não têm a cor vermelho-alaranjada.

Hábitat

Prefere zonas de bosques e semibosques úmidos, tanto de caducifólia, como de coníferas com sub-bosque de moitas, mas, principalmente no inverno, frequenta também espaços abertos, nas oliveiras e parreirais, nas moitas marginais dos campos e áreas de cultivos, ao longo de valas densas de vegetações, nas hortas e nos jardins, aproximando-se tranqüilamente das habitações, tanto dos sítios como das cidades, tornando-se assim uma das espécies mais confidentes e familiares. Voa a curtas distâncias e baixinho.

Reprodução

Para reproduzir-se prefere as áreas de bosques ricas em arbustos sobretudo de colinas e montanhas. Em abril são postos, em ninho bem escondido no chão, como também numa certa altura em terrenos apropriados, de 5 a 7 ovos branco-cremoso com manchas róseas (19,5 x 14,8 cm, 2,3 g) que eclodem depois de uma incubação de 13 a 14 dias, levada a cabo somente pela fêmea. Ambos os pais alimentam os pequenos, que abandonam o ninho com 2 semanas de idade, mas continuam a receber comida por mais 2 ou 3 semanas. Uma a duas ninhadas por ano.

Alimentação

A comida, procurada predominantemente no chão entre as folhas caídas, é representada particularmente por coleópteros, larvas de dípteros e lepidópteros, dermatérios e imenotérios, como também de anelídeos, moluscos, aracnídeos e miriápodes. A dieta é integrada por uma grande variedade de frutos, especialmente de espinheiro (*Crataegus monogyna*), Sabugueiro (*Sambucus sp.*), hera (*Hedera helix*) e amoreira-preta (*Rubus sp.*).

Distribuição

A espécie habita com oito subespécies em zona adequada da Europa, das ilhas do Atlântico (Canárias, Açores etc.), da Ásia Menor, da Ásia ocidental e da África norte-ocidental. As várias popu-

lações são sedentárias e migratórias e vão invernar nas partes centrais e meridionais das áreas (na África até o Saara).

Agressividade interespecífica

Relata Grzimek, na página 300 do nono volume de *Vita degli animali*: « Este pequeno pássaro foi objeto de pesquisas por muitos ornitólogos, entre os quais David Lack. Das suas observações, tem-se que o pisco-de-peito-ruivo, avaliado no sentido antropomórfico, é um ser intolerante»; defende com energia um território pessoal cuja superfície freqüentemente compreende entre 6 e 8 mil metros quadrados. O seu canto é sonoro e constituído por estrofes breves mas insolitamente variadas, que no seu conjunto formam uma espumante melodia. O canto serve, antes de tudo, para a delimitação do território, e com este o pássaro exhibe também as vistosas cores da sua plumagem. Quando assume a posição de ameaça, põe em evidência a mancha vermelha que adorna o pescoço e o peito, acentuando este efeito com movimentos laterais do corpo. Por si só esta estratagem do macho, senhor de determinado território, é suficiente para induzir à fuga um intruso. Aparentemente o peito colorido tem também o significado de um sinal de agressividade. Isto pode ser facilmente demonstrado colocando-se diante de um pisco-de-peito-ruivo um pássaro empalhado ou, simplesmente, um tufo de penas vermelhas ou um pequeno pedaço de pano vermelho ».

Bacchi della Lega escreveu: «O pisco-de-peito-ruivo tem dois ódios e uma só amizade. O primeiro ódio é contra os seus irmãos: *unicum arbustum non alit duos erithacos* (sob um único arbusto não é possível dois erithacos); e *Linneo*: *valde pugna, ut non una arbor duos capiat eritracos* (combate tenazmente de modo que uma só árvore não hospede dois erithacos). De tal maneira, fora dos tempos dos amores ele só é visto sozinho. O segundo ódio é contra o mocho-galego (*Athene noctua*). A amizade é para o melro-preto (*Turdos merula*): disse Olina e a experiência diária prova isso; onde tem o melro-preto está o pisco-de-peito-ruivo. Parece que estão vizinhos um do outro sem se cansar, assim protegendo-se e trocando avisos entre si em caso de perigo. Mas como eles têm muitos costumes iguais, por exemplo de procurar lugares frescos, escondidos e sombrios, alimentar-se de insetos, de uvas e de bagas, acordar-se muito cedo, de ir dormir tarde como os últimos ou quase, assim é fácil ver que esta amizade, se é que se pode dizer verdadeira amizade, é causada pela semelhança de costumes ».

O ornitólogo e o etólogo que dão ao pisco-de-peito-ruivo a imagem de um pequeno ser não social, prepotente e briguento com outros pássaros; impiedoso com seus semelhantes. Mas, como toda regra tem exceção, assim o julgamento oficial da Ciência nem sempre coincide com a realidade.

Alguns testemunhos:

Bacchi della Lega: «*Quem pode me dizer se é verdade que durante a dura estação de inverno o pisco-de-peito-ruivo torna-se nos bosques o companheiro dos cortadores de lenha, aproxima-se do seu fogo, bica o seu pão: que quando a neve cobre as ruas, bate nos vidros de qualquer casa, quase procurando um asilo que prontamente é atendido, e que paga com a mais graciosa familiaridade? Quem pode me dizer se é verdade que quando o pobre vai lentamente para a floresta buscar lenha, o pisco-de-peito-ruivo vá ao seu encontro e voe em sua volta, animando-o, festejando com as mais melodiosas canções do seu repertório, traduzida por Michelet em versos patéticos? Esplêndidas as páginas de Buffon*

e de Toussenel; devemos crer no contrário, ou acreditar nas pretensões bastante poéticas, maravilhosamente expressadas por grandes escritores? »

Brehm: «*Através dos seus semelhantes e através dos mais fracos demonstra uma amável petulância, mas às vezes também se revela um zombateiro e briguento, e não vive sempre em paz com seus vizinhos. Precisa-se, porém, reconhecer também os lados bons do seu caráter. Os filhotes órfãos que ainda não estão em condição de suprirem a si próprios, encontram no pisco-de-peito-ruivo um fiel protetor; jamais abandonam um semelhante doente e dá os cuidados necessários. Dois machos, criados no meu país e mantidos na mesma gaiola, viveram numa briga contínua, disputando cada pedaço e até o ar que respiravam; se bicavam com fúria e lutaram continuamente, no pequeno espaço colocado à disposição. Aconteceu então que, num acidente um deles teve uma das patas machucada. No mesmo instante aquela luta cessou; o macho saudável esqueceu toda disputa e rancor e se dedicou, com verdadeira compaixão, a alimentar e tratar o companheiro ferido. Quando a pata ficou curada, e o doente havia recuperado suas forças, a antiga inimizade foi esquecida e os dois viveram em ótima harmonia.*

Snell fez referências sobre o pisco-de-peito-ruivo adulto que, sendo capturado junto com sua prole, continuou criando-a com todo cuidado. Depois de uma semana, Snell colocou um outro ninho de filhotes de pisco-de-peito-ruivo na sala na qual estiveram os precedentes. Tão logo os novos começaram a se lamentar pela fome, o macho adulto, pai da primeira ninhada, correu em sua ajuda, observou-os longamente e depois voou para uma vasilha que continha larvas de formiga, oferecendo aos filhotes órfãos o alimento solicitado e aquele momento os cuidou como se fossem seus filhos. Também Naumann observou um fato semelhante quando criava um filhote de pintarroxo (*Carduelis cannabina*): o passarinho estava sempre esfomeado e gritava sem trégua, chamando para si a atenção de um pisco-de-peito-ruivo que esvoaçava na sala: depois de algum tempo este se aproximou da gaiola do pintarroxo que



parecia lhe pedir um pouco de comida. E, de fato, o pisco-de-peito-ruivo voou para a mesa, recolheu alguns miolos de pão e alimentou o pequeno pintarroxo esfomeado até que se saciou.

Também na vida livre o pisco-de-peito-ruivo mantém amizade com outros pássaros. Escreve Passler: «*Em uma mata pouco distante de Kothen aconteceu um estanho caso: um pisco-de-peito-ruivo depositou seus ovos no ninho de um outro: as duas ninhadas eram de seis ovos cada uma e os dois pássaros chocaram ao mesmo tempo os doze ovos, convivendo sempre em ótima harmonia.*

São conhecidos vários exemplos de pisco-de-peito-ruivo os quais, colocados em liberdade na primavera, no outono retornavam espontaneamente para sala de criação onde haviam passado o inverno.

Experiência pessoal

Também eu, muito mais modestamente, vou relatar um episódio que se refere a um casal de pisco-de-peito-ruivo e que os faz parecer prestimosos.

Nos fins dos anos 80 um conhecido me trouxe dois pisco-de-peito-ruivo que se revelaram depois um casal, todos sujos e com penas grudadas. Ele os havia encontrado entre capins secos, junto a um caquizeiro carregado de frutos. Alguém havia usado um tubo inteiro de cola para ratos para sujarem a planta. Com óleo, cinza, um



pano de limpeza e muita paciência conseguiu libertá-los daquele incômodo, mas a plumagem ficou muito estragada que não tinham mais capacidade de voar. No início os mantivei separados e com a ajuda de poucas larvas de tenébrio se habituaram logo à ração comercial para insetívoros. Depois de uns quarenta dias os transferi para um gaiolão de um metro

de comprimento, com altura e largura de setenta centímetros, no qual se encontravam uma dezena de manons, uma boa parte machos adultos não acasalados e alguns jovens. Por alguns dias controlei o comportamento dos novos hóspedes, não confiando muito nos pisco-de-peito-ruivo, mas devo dizer que demonstraram, do início ao fim, se comportar bem tanto com os outros pássaros como entre si. Na metade de abril a fêmea pôs alguns ovos no fundo do gaiolão que caíram pela grade e se quebraram no chão. Em maio duas jovens de manon fizeram o mesmo. No início de junho coloquei um ninho para periquito ondulado, contendo capim e fios de algodão para observar o comportamento da fêmea de pisco-de-peito-ruivo. Os manons usaram a caixa, inicialmente como dormitório, depois como ninho: as duas fêmeas puseram um certo número de ovos e todas se alternaram, sozinhas ou em grupo, no choco. Também a fêmea de pisco-de-peito-ruivo escolheu aquele lugar para por seus ovos e três foram colocados, incubados com assiduidade. A confusão foi indescritível e a paciência e a bondade do pisco-de-peito-ruivo grande. Mais a pobre fêmea procurava moldar a forma em taça do ninho, apesar da presença dos manons, mais estes persistiam em igualar tudo, cobrindo os ovos. O pisco-de-peito-ruivo macho que acompanhava essas operações do poleiro da caixa, perto da abertura, ficava aborrecido, cansado de ver os atarefados e petulantes manons. Nenhum ovo, por incrível que pareça, foi quebrado: porém ficaram todos claros. No início de agosto os pisco-de-peito-ruivo entraram em muda, superando-a muito bem, embora se alimentando exclusivamente de ração comercial. Em outubro, antes que qualquer conspecifico do norte ocupasse o jardim eu os libertei. O macho, durante o inverno inteiro, permaneceu próximo a casa e quando encontrava a janela aberta da sala onde havia passado um ano, frequentemente entrava, ou pousado sobre o batente cantava como viesse saudar os passarinhos das gaiolas. Com a chegada da primavera desaparecia. Era chegada a hora de ir para as montanhas nidificar.

Também desejo antropomorfizar o comportamento dos animais? Desejo projetar neles os nossos sentimentos? Talvez! Pensa-se como o etólogo (Enciclopédia Motta – ver bibliografia) a dar um tapa de luva nas românticas interpretações com estas palavras: «*Para tocar o assunto do equívoco no qual os homens estão caídos nas relações deste pássaro, deve-se notar que a índole do pisco-de-peito-ruivo é antes de tudo moderada e sociável: o canto que comovente escutamos não é mais que a expressão do individualismo mais exasperado, assim como aquela que consideramos familiaridade deste turdídeo; não curiosidade, ou avidez de alimento abundante, satisfação que o pássaro não tem totalmente nas vizinhanças dos homens, que do qual, ao contrário, foge obstinadamente. A vida ideal é portanto para o pisco-de-peito-ruivo*

aquela que ele leva geralmente na boa estação, ou em qualquer região particularmente propícia: uma vida de orgulhoso e zeloso isolamento, na qual uma única presença de um seu próprio semelhante suscita, no pássaro, irritação e agressividade: e a tal propósito, pode ser citado o caso do pisco-de-peito-ruivo, que ferozmente se lança contra a própria imagem, refletida num espelho».

O pisco-de-peito-ruivo na arte, na poesia, na lenda e na música

Diferentemente do pintassilgo-comum (*Carduelis carduelis*), o pisco-de-peito-ruivo raramente aparece em obras pictóricas de algum valor, mais freqüentemente está estampado em antigas ilustrações de cartões postais com amoreiras-pretas brancas de geada e estradas com neve, destacado mais vivamente pela cor do seu peito.

Bastante presente na literatura. Entre os poetas podemos lembrar os italianos Giovanni Pascoli e Umberto Saba que dedicaram ao pisco-de-peito-ruivo duas agradáveis composições: “O amigo do cortador de lenha” e “O pisco-de-peito-ruivo”.

A grande mancha ruiva do peito tem suscitado lendas de matriz religiosa. Entre estas uma fábula antiga que, com o passar do tempo sofreu numerosas re-elaborações, onde atribui-se a cor do peito a uma gota do sangue de Cristo, do qual o pisco-de-peito-ruivo teria se aproximado para aliviar o sofrimento esforçando-se para arrancar os espinhos da sua coroa.

Finalmente, para a música, uma nota curiosa: sua melodiosa canção foi imitada por Chopin no tema principal do “Grande polonaise brillante”. Disto foi difundido o costume de chamar o pisco-de-peito-ruivo de “Chopin da ária”. Mais justo seria se chamar o famoso músico de “Pisco-de-peito-ruivo de Varsóvia”.

Bibliografia

- Austen, Singer, 1962 – Uccelli de mondo – A. Mondatori, Milano.
Grzimek, 1971 – Vita degli animali - vol 9°, Bramante, Milano
R. Massa, L. Bottoni, C. Violani, 1993 – Lista in lingua italiana degli uccelli di tutto il mondo - Università degli studi di Milano
R. Howard and A. Moore, 1991 – A complete Checklist of the birds of the World – Academic Press, London
Charles G. Sibley, 1996 - Birds of the World – Edizione su CD
Christopher M. Perrins, 1991 – Enciclopedia illustrata degli uccelli - A. Mondatori, Milano
M. Woodcock, H. Heinzel, 1987 – Handguide to the birds of the Indian Subcontinent – Collins, London
B. King, M. Woodcock, E. C. Dickinson, 1984 – Birds of South-East Asia – Collins, London
R. M. De Schauensee, 1989 – The birds of China - Oxford University Press.
J. E. du Pont, G. Sandstrom, John R. Peirce, 1971 – Philippine birds – Delaware Museum of Natural History, Greenville, Delaware.
Valli A(1601) - Il canto degli Augelli – Giulio Briganti, Bologna
Olinia Gio Pietro. (1684) : "Uccelliera" – Roma.
Brehm A.E. (1869-74)- La vita degli animali. Uccelli, III-IV. Unione Tip. Torino
Salvadori T. (1872) Uccelli In "Fauna d'Italia" Vallardi, Milano
Toussena I.A. 1884 - Le Monde des Oiseaux ornithologie passionelle.- Paris
Bacchi della Lega A. (1892): "Cacce e costumi degli uccelli selvatici" - Città di Castello, Perugia.
Arrigoni degli Oddi E. (1929) "Ornitologia Italiana" - Hoepli – Milano
AA.VV (1989) "Gli uccelli, dizionario illustrato dell'Avifauna italiana" - Ed. Olimpia – Firenze.
Enciclopedia Motta di Scienze Naturali (1960) Edizioni Motta, Milano
Caterini F. e Ugolini L. (1966) "Il Libro degli Uccelli Italiani" Ed. Ceschina
Savi P.(1827 – 1831): "Ornitologia Toscana" - Nistri - Pisa.
Lessona M. (1884) "Storia Naturale Illustrata" Gli Uccelli Vol. 3°, Sonzogno Editore, Milano
AA.VV (1972): "Enciclopedia degli uccelli d'Europa" - Rizzoli - Milano,
Bricchetti P.A. - Fasola M (1990) "Atlante degli uccelli nidificanti in Lombardia" – Ramperto – Brescia.
A.E. Brehm "Kleine Brehm Karl Voegels Ed. 1924
J. Felix "Grande Atlante degli Uccelli Europei" 1979 – 1988 Fratelli Melita Editori La Spezia Illustrazioni di K. Hisek
Williams J.G., Arlott N. 1983 — A Field Guide to the Birds of East-Africa, Collins, London.
AA.VV. 1970 – Il mondo degli animali – Vol 3° Rizzoli Editore. Milano.

Tradução: PSF

O PISCO-DE-PEITO-RUIVO

Erithacus rubecula (LINNAEUS, 1758)

Syst.Nat.ed.10 p.188

Alamanno Capecchi – Italia

Premessa.

Prima di descrivere L'*Erithacus rubecula*, per meglio inquadrarlo nella sistematica accettata attualmente dalla maggioranza dei tassonomisti, riporto alcuni dati sul genere *Erithacus*.

Al genere *Erithacus* (Familiare Turdidae) sono ascritte tre specie: la *Erithacus rubecula* (Pettirosso europeo), con otto sottospecie; la *Erithacus akahige* (Pettirosso giapponese) e la *Erithacus komadori* (Pettirosso di Riukiu), ambedue con tre sottospecie.

Qui di seguito la classificazione dettagliata.

***Erithacus rubecula* (European Robin)**

ERITHACUS

E. r. melophilus

British Isles

E. r. rubecula

W Europe, NW Morocco >> NE Africa

E. r. superbus

Teneriffe, Grand Canary Is

E. r. witherbyi

E Algeria, Tunisia

E. r. sardus

Corsica, Sardinia

E. r. balcanicus

Balkans, Turkey

E. r. hyrcanus

E Turkey, S Russia >> Iran, Iraq

E. r. tataricus

W Siberia >> Iran

***Erithacus akahige* (Japanese Robin)**

E. a. akahige

Sakhalin I, N Japan >> S China

E. a. rishirensis

Rishiri Is

E. a. tanensis

S Japan & islands

***Erithacus komadori* (Riukiu Robin)**

E. k. komadori

Tanegashima, N Riukiu Is

E. k. namiyei

Okinawa I

E. k. subrufus

S Riukiu Is

Il Pettirosso europeo Erithacus rubecula

L' *Erithacus rubecula* è uno dei passeriformi più facilmente riconoscibili quando riveste il piumaggio dell'adulto. Ha gola e petto rosso-arancione, parti superiori bruno-olivastre, separate dalla tinta arancione da una fascia più o meno estesa cenerino-azzurrognola. L'addome è biancastro. Il becco e i piedi sono bruni. Gli occhi sono rotondi, grandi, scurissimi, dotati di forte espressività. Sessi e abiti stagionali: simili. Il richiamo è un forte "tic,tic,tic,tic", spesso ripetuto. Il canto è una serie variata e definita di frasi corte e gorgheggiate. Canta anche la femmina. Lunghezza totale 13-14 cm. Peso 13-20 gr. I giovani mancano della colorazione rosso-arancio.

Habitat.

Predilige zone boschive e semiboschive umide, sia di caducifoglie, sia di conifere con sottobosco cespuglioso, ma, soprattutto in inverno, frequenta anche spazi più aperti, negli oliveti e vigneti, nelle siepi marginali di campi e coltivazioni, lungo fossati folti di vegetazione, negli orti e nei giardini avvicinandosi tranquillamente alle abitazioni, tanto in campagna che in città, diventando così una delle specie più confidenti e familiari. Volava di solito su brevi distanze e rasoterra.

Riproduzione.

Per la riproduzione predilige le zone boschive ricche di arbusti soprattutto collinari e montane. In aprile vengono deposte, in un nido ben celato sul terreno, ma anche ad una certa altezza, in luoghi adatti, 5-7 uova biancastre-crema con macchiette rossastre (mm. 19,5 x 14,8, gr. 2,3) che schiudono dopo un'incubazione di 13-14 giorni, portata a termine dalla sola femmina. Ambedue i genitori alimentano i piccoli, che abbandonano il nido a 2 settimane d'età, ma continuano a ricevere cibo per altre 2 o 3 settimane. Una o due covate annue.

Alimentazione.

Il cibo, ricercato prevalentemente per terra in mezzo alle foglie marcescenti è rappresentato in particolare da Coleotteri, larve di Ditteri e Lepidotteri, Dermatteri e Imenotteri, ma anche da Anellidi, Molluschi, Aracnidi e Miriapodi. La dieta è integrata da una gran varietà di bacche, specialmente di biancospino, sambuco, edera e rovo.

Distribuzione.

La specie abita con otto sottospecie le zone adatte dell'Europa, delle isole dell'Atlantico (Canarie, Azzorre, etc.), dell'Asia Minore, dell'Asia occidentale e dell'Africa nord-

occidentale. Le varie popolazioni sono sedentarie o migratrici e si portano a svernare nelle parti centrali e meridionali dell'areale (in Africa fino al Sahara).

Aggressività intraspecifica.

Riporta lo Grzimek a pagina 300 del nono volume - Vita degli animali - : « Questo piccolo Uccello è stato oggetto di ricerche da parte di molti ornitologi, tra cui **David Lack**. Dalle sue osservazioni è risultato che il Pettiroso, valutato in senso antropomorfo, è un essere « intollerante »; difende con energia un territorio personale la cui superficie è spesso compresa fra 6000 e 8000 mq. Il suo canto è sonoro e costituito da strofe brevi ma insolitamente variate, che nel loro insieme formano una spumeggiante melodia. Il canto serve anzitutto per la delimitazione del territorio, e a questo scopo l'Uccello esibisce anche i vistosi colori del proprio piumaggio. Quando assume la posizione di minaccia, mette in evidenza la macchia rossa che adorna la gola e il petto, accentuandone l'effetto con movimenti laterali del corpo. Di solito questo atteggiamento del maschio, signore di un determinato territorio, è sufficiente per indurre alla fuga un intruso.

Il petto colorato in modo così appariscente ha quindi il significato di un segnale di aggressività. Ciò può essere facilmente dimostrato ponendo dinanzi a un Pettiroso un Uccello impagliato, o semplicemente un ciuffo di penne rosse o un piccolo pezzo di stoffa, pure rossa ».

Bacchi della Lega annota « Il Pettiroso ha due odii e un'amicizia sola. Il primo odio è contro i suoi confratelli : **unicum arbutum non alii duos erithacos** (su un unico arbusto non è possibile due erithacos); e **Linneo** : **valde pugnax, ut non una arbor duos capiat erithacos** (combatti tenacemente in modo che un solo albero non ospiti due erithacos). Perciò, fuori del tempo dagli amori, si vede sempre solo. Il secondo odio è contro la Civetta; L'amicizia è per il Merlo: l'ha detto l'Olina, e l'esperienza quotidiana lo prova ; ove è il Merlo, ivi è il Pettiroso. Pare che stiano vicini l'uno all'altro senza recarsi noia, anzi proteggendosi e avvisandosi scambievolmente in caso di pericolo. Ma siccome hanno molte consuetudini eguali, per esempio di cercar luoghi freschi, nascosti ed ombrosi, di nutrirsi d'insetti, d'uva e di bacche, di svegliarsi la mattina prestissimo, d'andar la sera a dormire per gli ultimi o quasi, così è facile vedere che quest'amicizia, se amicizia veramente può dirsi, è cagionata dalla somiglianza dei costumi » .

L'ornitologo e l'etologo ci danno del Pettiroso l'immagine di un piccolo essere asociale, prepotente e litigioso con gli altri uccelli; spietato con i suoi simili. Ma, come ogni regola ha le sue eccezioni, così il giudizio ufficiale della Scienza non sempre coincide con la realtà.

Alcune testimonianze.

Bacchi della Lega: « Chi mi sa dire se sia vero che durante la rigida stagione il Pettiroso diventi nei boschi il compagno del taglialegna, si avvicini al suo fuoco, becchi il suo pane: che quando la neve copre le vie, batta ai vetri di qualche casa, quasi cercando un asilo che gli è accordato subito, e che paga con la più graziosa familiarità? Chi mi sa dire se sia vero che quando il povero va lentamente ammassando per la foresta la meschina provvigione di stecchi, il Pettiroso gli corra incontro o gli voli intorno, animandolo festeggiandolo con la più melodiosa canzone del suo repertorio, tradotta dal Michelet in patetici versi? Splendide pagine

del Buffon e del Toussenel, dobbiamo crederci invece, o crederci piuttosto finzioni poetiche, meravigliosamente espresse da grandi scrittori? »

Brehm : « Verso i suoi simili e verso i più deboli dimostra un'amabile petulanza, ma talvolta anche si rivela beffardo e litigioso, e non vive sempre in pace coi suoi vicini. Bisogna però riconoscere anche i lati buoni del suo carattere. I nidiacei orfanelli che non sono ancora in grado di bastare a se stessi, trovano nel pettiroso un fedele protettore; né mai esso abbandona un suo simile malato e bisognoso di cure. Due maschi, allevati al mio paese e tenuti nella stessa gabbia, vivevano in continua baruffa, invidiandosi ogni boccone, e quasi persino l'aria che respiravano; e si beccavano con furia, e si azzuffavano di continuo, nei breve spazio che era a loro disposizione. Avvenne poi che, per caso disgraziato, uno dei due si ruppe una zampina. Da quell'istante, ogni lotta cessò; il maschio sano dimenticò tosto ogni invidia e rancore, e si diede, con vera compassione, a nutrire e curare il compagno ferito. Quando poi la zampa fu guarita, ed il malato ebbe del tutto riprese le forze, l'antica inimicizia fu dimenticata, e i due vissero in ottima armonia .

Lo **Snell** riferisce di un Pettiroso adulto il quale, essendo stato catturato insieme alla sua prole, continuò ad allevarla con ogni cura. Dopo circa una settimana, **Snell** portò un altro nido di giovani pettirossi nella stanza in cui erano stati alloggiati i precedenti : appena i nuovi venuti cominciarono a lamentarsi per la fame, il maschio adulto, padre della prima nidiata, accorse in loro aiuto, li contemplò a lungo e quindi volò presso il vasetto che conteneva le larve di formica, offrendo agli orfanelli il cibo invocato, e da quel momento se ne prese cura come se fossero stati suoi figli.

Anche **Naumann** osservò, un fatto analogo allorché si trovò ad allevare un giovane fanello: l'uccellino era sempre affamato e gridava senza tregua, richiamando su di sé l'attenzione di un Pettiroso che svolazzava nella stanza: dopo qualche tempo, questi si avvicinò alla gabbia del fanello, il quale sembrò chiedergli cinguettando un po' di cibo; e difatti il Pettiroso volò, sulla tavola,

raccolse con il becco alcune briciole di pane e imbeccò il piccolo fanello affamato finché non fu sazio ».

Pure nella vita libera, il Pettiroso stringe volentieri amicizia con altri uccelli. Scrive **Passler** « In un bosco poco lontano da Kotten avvenne un caso stranissimo: un Pettiroso depose le sue uova nel nido di un lui: le due covate erano di sei uova ciascuna, e i due uccelli covarono contemporaneamente le dodici uova, convivendo sempre in ottima armonia ».

Si conoscono vari esempi di pettirossi i quali, rimessi in libertà in primavera, nell'autunno successivo se ne tornavano spontaneamente nella camera in cui avevano trascorso l'inverno.

Esperienza personale.

Anch'io, molto più modestamente, vorrei riportare un episodio che si riferisce a una coppia di Pettirossi e che li fa apparire oltremodo accomodanti.

Verso la fine del 1980, un conoscente mi portò due Pettirossi, rivelatisi successivamente una coppia, tutti sporchi e appiccicati di pania. Li aveva trovati tra l'erba secca, vicino a un Cachi carico di frutti. Qualcuno aveva utilizzato un intero tubo di colla per topi per imbrattare la pianta. Con olio, cenere, un paio di forbicine e molta pazienza, riuscii a liberarli da quell'incomodo, ma il piumaggio risultò così danneggiato, che non furono più capaci di volare. All'inizio li tenni separati e con





l'aiuto di poche larve di tenebrione si abituarono subito al pastone per insettivori del commercio. Dopo una quarantina di giorni li trasferii in un gabbione lungo un metro, alto e largo settanta centimetri, nel quale si trovavano una diecina di Passeri del Giappone, in buona parte maschi adulti non accoppiati e alcuni giovani. .

Per più giorni controllai il comportamento dei nuovi ospiti, non fidandomi molto dei Pettirossi, ma devo dire che dimostrarono, fin dall'inizio, di andare d'accordo, sia con gli altri uccelli, sia tra loro. A metà aprile la femmina del Pettirosso depose alcune uova sul fondo in rete del gabbione, che caddero a terra e si ruppero. In maggio due dei giovani Passeri del Giappone, che risultarono femmine, fecero altrettanto. Ai primi di giugno attaccai dall'esterno un nido per Ondulati, riempito in parte con fieno e fili di cotone per osservare il comportamento dei Pettirossi. I Passeri del Giappone utilizzarono la cassetta, prima come dormitorio, poi come nido: le due femmine deposero un certo numero di uova e tutti si alternarono, singolarmente o a gruppi alla cova. Anche la femmina del Pettirosso scelse quel luogo per deporre le uova, e tre ne depose, covandole con assiduità. La confusione fu indescrivibile e la pazienza e la bontà dei Pettirossi grande. Più la povera femmina si affannava a foggiare a forma di bicchiere il nido, ostacolata dalla presenza dei Passeri, più questi si ostinavano a pareggiare il tutto, coprendo le uova. Il Pettirosso maschio, che seguiva queste operazioni, dal posatoio della cassetta, accanto all'apertura, veniva in continuazione urtato, spostato e fatto cadere dagli indaffarati e petulanti Passeri del Giappone. Nessun uovo, incredibile a dirsi, fu mai rotto: risultarono, però, tutte chiare. Ai primi di agosto i Pettirossi entrarono in muta, superandola benissimo anche se alimentati esclusivamente con pastone del commercio. In ottobre, prima che qualche conspecifico calato dal Nord occupasse il giardino, li liberai. Il maschio, per tutto l'inverno rimase vicino alla casa e quando trovava le finestre aperte della stanza, nella quale aveva passato un anno, spesso vi entrava, o posato sul davanzale cantava come se volesse salutare gli uccellini in gabbia. Con l'arrivo della primavera scomparve. Era arrivato il momento di andare verso i monti per nidificare.

Troppo voglia di antropomorfizzare il comportamento degli animali? Desiderio di proiettare in loro i nostri sentimenti? Forse! Ci pensa comunque l'etologo (Enciclopedia Motta, vedi bibliografia) a dare un colpo di spugna a romantiche interpretazioni con queste parole: « Per toccare l'argomento dell'equivoco in cui gli uomini sono caduti nei confronti di questo uccellino, si deve notare che l'indole del Pettirosso è tutt'altro che mite e socievole: e il canto che noi commossi ascoltiamo non è se non l'espressione dell'individualismo più esasperato, così anche quella che noi consideriamo familiarità di questo turdide non è che curiosità, o, avidità di cibo abbondante, soddisfatte le quali l'uccello non tiene affatto alla vicinanza degli uomini, che anzi fugge ostinatamente. L'ideale vita è dunque per il Pettirosso

quella che esso conduce in genere nella buona stagione, o in qualche regione particolarmente propizia: una vita di orgoglioso e geloso isolamento, in cui la sola presenza di un suo stesso simile suscita, nell'uccello, irritazione e aggressività: e a tale proposito, può essere citato il caso del Pettirosso, che feroce-mente si slancia perfino contro la propria immagine, riflessa in uno specchio »

Il Pettirosso nell'arte, nella poesia, nella leggenda e nella musica.

A differenza del Cardellino, il Pettirosso raramente appare in opere pittoriche di qualche pregio, più frequentemente è effigiato nelle vecchie cartoline illustrate con i rovi bianchi di brina e le strade innevate, rese più vive dal colore del suo petto.

Abbastanza presente nella letteratura. Tra i poeti possiamo ricordare gli italiani Giovanni Pascoli e Umberto Saba che dedicarono al Pettirosso due piacevolissime composizioni: "L'amico del taglialegna" e il "Il pettirosso"

La grande macchia rossa del petto ha suscitato leggende di matrice religiosa. Tra queste una antica favola che nel corso del tempo ha subito numerose rielaborazioni attribuisce il colore del petto a una goccia del sangue di Cristo, cui il Pettirosso avrebbe cercato di alleviare le sofferenze sforzandosi di strappare le spine della corona.

Infine, per la musica, una notarella curiosa: il suo canto melodioso venne imitato da Chopin nel tema principale della "Grande polonaise brillante". Da ciò è invalsa l'abitudine di chiamare il Pettirosso "Chopin dell'aria". Più giusto sarebbe stato forse chiamare il famoso musicista "Pettirosso di Varsavia".

Bibliografia.

- Austen, Singer, 1962 - Uccelli de mondo - A. Mondatori, Milano.
 Grzimek, 1971 - Vita degli animali - vol 9°, Bramante, Milano
 R. Massa, L. Bottoni, C. Violani, 1993 - Lista in lingua italiana degli uccelli di tutto il mondo - Università degli studi di Milano
 R. Howard and A. Moore, 1991 - A complete Checklist of the birds of the World - Academic Press, London
 Charles G. Sibley, 1996 - Birds of the World - Edizione su CD
 Christopher M. Perrins, 1991 - Enciclopedia illustrata degli uccelli - A. Mondatori, Milano
 M. Woodcock, H. Heinzel, 1987 - Handguide to the birds of the Indian Subcontinent - Collins, London
 B. King, M. Woodcock, E. C. Dickinson, 1984 - Birds of South-East Asia - Collins, London
 R. M. De Schauensee, 1989 - The birds of China - Oxford University Press.
 J. E. du Pont, G. Sandstrom, John R. Peirce, 1971 - Philippine birds - Delaware Museum of Natural History, Greenville, Delaware.
 Valli A(1601) - Il canto degli Augelli - Giulio Brighenti, Bologna
 Olinia Gio Pietro. (1684) : "Uccelliera" - Roma.
 Brehm A.E. (1869-74)- La vita degli animali. Uccelli, III-IV. Unione Tip. Torino
 Salvadori T. (1872) Uccelli In "Fauna d'Italia" Vallardi, Milano
 Toussene L.A. 1884 - Le Monde des Oiseaux ornithologie passionelle. - Paris
 Bacchi della Lega A. (1892): "Cacce e costumi degli uccelli silvani" - Città di Castello, Perugia.
 Arrigoni degli Oddi E. (1929) "Ornitologia Italiana" - Hoepli - Milano
 AA.VV (1989) "Gli uccelli, dizionario illustrato dell'Avifauna italiana" - Ed. Olimpia - Firenze.
 Enciclopedia Motta di Scienze Naturali (1960) Edizioni Motta, Milano
 Caterini F. e Ugolini L. (1966) "Il Libro degli Uccelli Italiani" Ed. Ceschina
 Savi P. (1827 - 1831): "Ornitologia Toscana" - Nistri - Pisa,
 Lessona M. (1884) "Storia Naturale Illustrata" Gli Uccelli Vol. 3°, Sonzogno Editore, Milano
 AA.VV (1972): "Enciclopedia degli uccelli d'Europa" - Rizzoli - Milano,
 I Bricchetti P.A. - Fasola M (1990) "Atlante degli uccelli nidificanti in Lombardia" - Ramperto - Brescia.
 A.E. Brehm "Kleine Brehm Karl Voegels Ed. 1924
 J. Felix "Grande Atlante degli Uccelli Europei" 1979 - 1988 Fratelli Melita Editori La Spezia Illustrazioni di K. Hisek
 -Williams J.G., Arlott N. 1983 - A Field Guide to the Birds of East-Africa, Collins, London.
 AA.VV. 1970 - Il mondo degli animali - Vol 3° Rizzoli Editore. Milano.